

# Método Analítico, Cartilhas E Escritores Didáticos: Ensino Da Leitura Em São Paulo (1890-1920)<sup>1</sup>

*Maria do Rosário Longo Mortatti\**

## Resumo

Apresenta-se neste artigo resultado de pesquisa documental e bibliográfica relativa ao ensino inicial da leitura, no estado de São Paulo, entre 1890 e 1920. Enfocam-se a hegemonia do método analítico para o ensino da leitura e as disputas entre seus defensores, articuladamente à atuação de professores formados pela Escola Normal de São Paulo, os quais passam a produzir cartilhas analíticas, contribuindo para a profissionalização do escritores didáticos e para a fundação de uma (nova) tradição relativa a esse ensino, no Brasil.

**Palavras Chaves:** História da Educação - Ensino da leitura - Cartilhas de alfabetização.

## Abstract

This article presents the results of a documental and bibliographical research concerning the initial teaching of reading, in the State of São Paulo (Brazil), between the years 1890 e 1920. Attention is centered on the dominance of the analytic method for the teaching of reading and the disputes bbetween advocates, together with the role of teachers graduated in São Paulo's "Escola Normal", who started the production of analytic "primers" (reading books), contributing for the professionalization of didatic writers and for the founding of a (new) tradition concerning this kind of teaching in Brazil.

**Key words:** History of education - Teaching of reading - Primers

---

## NOTAS

<sup>1</sup>Neste artigo encontra-se, de maneira condensada, o capítulo 2 de MAGNANI, M. R. Mortatti. Os sentidos da alfabetização: a "questão dos métodos" e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo - 1876/1994). P. Prudente: FCT/UNESP, 1997. (Tese de Livre-Docência)

\* Professora Adjunta - Departamento de Didática - UNESP/Marília

Av. Carlos Artêmio, 356, ap. 32-A

Fragata C

17. 519 - 660 - Marília - SP

## A “Nova Bussola Da Educação”

Uma das questões mais interessantes que, sobre Pedagogia, se tem levantado em S. Paulo nestes ultimos tempos, é, incontestavelmente, esta sobre ensino da leitura...

...

Questão transcendente, o problema da leitura ha mais de um seculo vem preocupando os espiritos mais eminentes de todos os paizes, com tenacidade notavel nos da França, Estados Unidos, e Inglaterra, que o têm estudado com um interesse digno da maior veneração.

Desde os gramaticos de Port-Royal até o abbade de Radonvilliers, que foi o primeiro a suggerir em 1768 a idéa do methodo analytico; desde Nicolas Adam que o exercitou praticamente em 1787, até Jacotot, que fez escola pela ampliação que lhe deu, a these do ensino da primeira leitura tem sido abordada em todos os tons sem que, entretanto, até hoje, se chegasse a um accôrdo sobre o melhor processo a seguir.

Surge agora de novo a questão aqui em S. Paulo.

Poderá a pedagogia paulista fornecer quaesquer dados para a almejada solução? (Barreto, 1902, p.961)<sup>2</sup>

Com esse tom grandiloquente e polemizador, inicia-se um artigo publicado na *Revista de Ensino*<sup>3</sup> e produzido pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, que tornou-se um dos principais divulgadores e polemistas em relação ao método analítico para o ensino da leitura.

Diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1891, A. O. Barreto integra uma geração de normalistas que, após a Proclamação da República, passa — em substituição ao bacharel em Direito — a ocupar cargos na administração educacional, liderar movimentos associativos do magistério, assessorar autoridades educacionais e produzir material didático e de divulgação das novas idéias, especialmente no que diz respeito ao ensino da leitura. A atuação desses normalistas configura o engendramento de uma atitude caracteristicamente paulista e definidora do que considereei o segundo momento crucial no movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudo, no Brasil: a disputa entre mais modernos e modernos — sobrepondo-se àquela entre modernos e antigos, observável na

<sup>2</sup>Nesta e nas demais citações de fontes documentais, mantém-se a ortografia de época e os grifos de seus autores.

<sup>3</sup>A Revista de Ensino circulou entre 1902 e 1918, como órgão da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista, em torno da qual se reuniu um grupo representativo de professores normalistas, tornando-a uma das principais instâncias de debates sobre os problemas do magistério paulista e sempre próxima dos órgãos oficiais da instrução pública. (CATANI, D.B. Educadores à meia-luz. São Paulo: FE/USP, 1989 (Tese de doutoramento)). Com relação ao ensino da leitura e ao método analítico, além da divulgação de muitos textos informativos, a Revista assume também importante papel na divulgação das polêmicas entre mais modernos e modernos, características desse momento histórico.

década de 1880 — pela hegemonia de tematizações, normatizações e concretizações relativamente ao ensino da leitura.<sup>4</sup>, da qual resulta a fundação de uma (nova) tradição

Essa disputa encontra-se diretamente relacionada com a reforma da instrução pública paulista, iniciada em 1890, pelo Dr. Antonio Caetano de Campos. O “espírito da reforma” veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positiva<sup>5</sup>, essas aspirações convergiam para a busca de cientificidade — e não mais o empirismo — na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura.

A partir de então, uma “nova bussola” deveria orientar a preparação não apenas teórica mas sobretudo prática de um novo professor sintonizado com os progressos da “pedagogia moderna”, o qual deveria deduzir da psicologia da infância e suas bases biológicas os modos de ensinar a criança. Com a inauguração da Escola-Modelo do Carmo (1890)<sup>6</sup> e do Jardim da Infância (1896), a Escola Normal de São Paulo foi-se configurando como condensação do modelo de sistema de ensino proposto para o estado de São Paulo e disseminado pelas “missões paulistas” para outros estados brasileiros.

Os evangelizadores da nova e gloriosa cruzada foram alguns lentes da Escola Normal paulista, proselytos ardorosos das idéias positivistas...

...

Repontou assim toda uma geração de operosos e provecetos mestres, que, sem mais precisar de concurso extranho, levaram por diante a obra iniciada: - René e Arnaldo Barreto, Mendes Vianna, R. Puiggari, Miguel Carneiro, Roca Dordal, Oscar Thompson, Alves Pereira, João Lourenço Rodrigues, Pedro Voss e muitos outros, cujos serviços deixaram perenne sulco, quer na direcção de institutos, quer na regencia suprema do ensino, que, emfim, em atlas, cadernos e compendios adoptados hoje em todas as boas escolas do Brasil.

...

---

4 A esse respeito, ver: MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo - 1876/1994). Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1997. (Tese de Livre-Docência).

5 Essas reflexões encontram-se em: MONARCHA, C. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998. (no prelo).

6 Para dirigir a Escola-Modelo do Carmo foram escolhidas duas professoras que se incumbiram da implantação do método analítico para o ensino da leitura: a americana Miss Marcia Priscila Browne (seção masculina) e a brasileira D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (seção feminina).

Tal é, em rápida synthese, a instrução publica no prospero Estado de S. Paulo.

O seu ensino primario é, indubitavelmente, o melhor e o mais racional que se fornece em todo o Brasil. As creanças, ao contrario do que acontecia outr'ora, nos tempos da retrograda instituição monarchica, buscam prazenteiramente a escola, onde, consoante as prescrições da pedagogia moderna, não lhes faltam divertimentos que amenizam a difficil e arida aprendizagem das primeiras letras.

Aos archaicos systemas de "soletração" e "syllabação" succedeu o methodo chamado "analytico", muito mais logico e rapido. Dahi, o augmento do numero de matriculas e o crescimento da média de frequencia, - o que, em resumo, equivale a dizer que a instrução popular se dissemina cada vez mais pelo Estado, o qual mui legitimamente se jactancia de ter em tão proveitosa applicação dos seus recursos financeiros a base inderrocavel do seu mais duradouro progresso. (Magalhães, 1913, p.98-110)

Foi, assim, ganhando adeptos o método analítico para o ensino da leitura — do "todo" para as "partes" —, baseado especialmente em moldes norte-americanos e utilizado na Escola-Modelo. Inicialmente sem grandes disputas intestinas, os grupos de normalistas que se foram formando em torno do propugnadores da "nova bussola" passaram no entanto, a produzir apropriações diferenciadas, gerando-se as disputas em torno do melhor modo de se processar o método analítico para o ensino da leitura.

No âmbito dessas disputas, foram-se impondo as apropriações de determinados grupos que assessoravam autoridades da administração educacional e cujas propostas ganharam espaço institucional, configurando-se como as primeiras normatizações sobre o ensino da leitura. Essas normatizações, por sua vez, também foram-se impondo, por meio da adoção oficial de cartilhas e da publicação, sobretudo na *Revista de Ensino*, de artigos de combate, traduções de textos estrangeiros e relatos de experiências bem-sucedidas.

Além dessas, outras iniciativas — oficiais — objetivavam consolidar a "nova bussola" da educação. Mediante deliberação do Conselho Superior da Instrução Pública, na gestão de Cesário Motta Junior como Secretário de Estado dos Negócios do Interior, o professorado primário paulista foi instado a visitar as escolas-modelos, numa tentativa de disseminar os sistemas e métodos de ensino aí utilizados e garantir sua hegemonia, a despeito das diferentes condições e predileções dos professores.

Aproximadamente duas décadas depois, já na fase de expansão do aparelho escolar paulista e de sistematização das novas orientações, durante

a primeira gestão de Oscar Thompson frente à Diretoria Geral da Instrução Pública (1909-1910), o método analítico para o ensino da leitura foi oficialmente indicado, mediante divulgação das *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – Modelos de lições* [1911] e da adoção oficial de cartilhas analíticas baseadas nessa *Instruções praticas...*, como fator de uniformização desse ensino nas escolas primárias de São Paulo e de consolidação do modelo considerado cientificamente verdadeiro.

Ah, era obrigatório. Tinha que ser o método analítico para alfabetizar. E é um método difícil, principalmente para as crianças de roça. Mas era obrigado. Era obrigado seguir uma cartilha analítica. A cartilha analítica era assim: começa com a sentença em vez de começar com a silabação. Em vez de aprender sílabas, tinha que aprender, um tempão, só sentenças. Custava para entrar na sílaba, sabe. Então precisava a gente ter muita paciência e muito cuidado. Agora, na primeira escola que eu fui, ainda não era obrigado, aí eu ainda usava silabação.

...

Aí, eu comecei com o analítico, que começava do seguinte modo: Dava-se uma sentença e escrevia-se no quadro-negro. Decompunha-se em palavras e depois em sílabas, depois em letras. ... Vou dar um exemplo de uma frase que se escrevia no quadro negro e mandava a criança acompanhar com o ponteiro, que era perigoso, porque o professor às vezes se esquecia e batia na cabeça das crianças: - O bebê bebe leite. Então a criança lia: O bebê bebe leite. A professora depois apontava para a frase: o bebê, depois leite, quase que decorado. Depois ia para as letras *b* e *l*, já são duas letras do alfabeto, que hoje está diminuindo. Já não tem o *y* ou o *w*. E assim foi o método analítico, que ensinou uma geração de brasileiros. Era fácil, ainda mais saindo da Escola Normal que a gente estudava a metodologia, em poucas horas, à noite, até sair para a roça e então desenvolvia o que aprendeu. (*apud* Demartini e outros, 1985, p.69)

Essa situação perdurou oficialmente até 1920, quando Oscar Thompson se retirou da instrução pública e foi implantada a Reforma Sampaio Dória (Lei n. 1750, de 1920), que, dentre outros importantes aspectos, garantia autonomia didática aos professores.

### **Cartilhas Analíticas E Profissionalização Dos Escritores Didáticos**

Essa "revolução na educação brasileira" marcada pelos "progressos nos metodos educacionais" e pelo crescimento das taxas de alfabetização pode também ser analisada do ponto de vista de uma outra urgência da época e seu fenômeno correlato: a consolidação do mercado editorial de livros didáticos produzidos por brasileiros e para a escola brasileira. Contemplando preocupações então crescentes assim como suscitando

críticas à produção indiscriminada de "machinas de ensinar" e à sua adoção e compra pelo governo do estado, esse fenômeno, responsável pela nacionalização da literatura didática<sup>7</sup>, está diretamente relacionado ao surgimento de um tipo específico de escritor didático profissional — o professor normalista —; e de uma especialidade editorial — a publicação de livros didáticos.<sup>8</sup>

O desejo e o esforço de nossos bons auctores didacticos, têm sido, nestes ultimos tempos, o de preencher a falta quasi absoluta de livros que correspondessem ás exigencias da reforma.

A verba destinada no orçamento para aquisição de livros e material escolar, tem animado tentativas que, ao vêr-se privadas deste auxilio, não se produziriam, não teriam existido.

Atualmente, o Governo póde, sem maior despeza que a destes ultimos annos, conseguir resultados ainda mais compensadores e uteis.

Póde elle determinar a organização de series de livros didacticos que venham produzir a estabilidade necessaria, determinando as modificações convenientes em periodos de antemão marcados, realisando assim segura e calmamente o ideal de todo o mecanismo social - caminhar sem perturbar.

Alcançar a regularidade de horario, a uniformidade de programma, será sómente possivel com a unidade do livro.(Dordal, 1902, p.589)

De fato, a oficialização do método analítico para o ensino da leitura e a organização de um sistema público de ensino passam a demandar adaptação desse método aos moldes lingüísticos e culturais brasileiros e produção de cartilhas e livros de leitura de acordo com as reformas na instrução pública paulista. Além de baseado em "métodos antigos", o material didático impresso produzido por brasileiros até a década de 1880<sup>9</sup> era bastante incipiente, do ponto de vista quantitativo, em vista das novas necessidades de expansão e organização do ensino.

Entretanto, a despeito da ardorosa defesa do método empreendida pelos reformadores do ensino paulista desde o início da década de 1890, os dados obtidos indicam que, com exceção da Escola-Modelo anexa à Escola Normal de São Paulo, nas demais escolas do estado, ao longo desse momento histórico, os professores tendiam a continuar se baseando em

<sup>7</sup> A esse respeito, ver, especialmente: HALLEWELL, L. O livro no Brasil: sua história. Trad. M.P. Villalobos e L.L. Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da USP, 1985; ARROYO, I. Literatura infantil brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1968.; e PFROMM NETO, S., ROSAMILHA, N., DIB, C.Z. O livro na educação. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

<sup>8</sup> De acordo com Hallewell (1985), a Livraria Francisco Alves é a primeira editora brasileira a "fazer disso o principal esteio de seu negócio." (p. 207)

<sup>9</sup> Como exemplos, destaco alguns do mais divulgados até então: Primeiro livro de leitura, de Abílio César Borges (Barão de Macaúbas); Cartilha da infância: ensino da leitura, de Thomas A. Galhardo; e Cartilha nacional: novo primeiro livro - ensino da leitura, de Hilário Ribeiro.

métodos sintéticos para o ensino da leitura, mediante uso de “cartilhas antigas”.

É apenas entre o final da década de 1890 e início da década de 1900, que começaram a ser publicadas cartilhas brasileiras afinadas com o novo método para o ensino da leitura.<sup>10</sup> A primeira dessas cartilhas parece ter sido o *Primeiro Livro de Leitura*, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade<sup>11</sup>. Escrita provavelmente no final da década de 1890, na cartilha o método utilizado era o da “palavração”, passando a ser conhecido como o ‘método do gato’, porque a primeira lição girava em torno de uma criança e um gatinho, que brincavam com uma bola.” (Leite *apud* Pfromm Neto, Rosamilha, Dib, 1974, p.162).

Muitas outras se seguiram, escritas por professores normalistas atuantes no magistério, os quais partilhavam dos progressos pedagógicos e, muitas vezes, do “círculo do poder” educacional do estado de São Paulo. Mediante pareceres de “comissões de especialistas”, essas cartilhas eram indicadas às autoridades educacionais<sup>12</sup> e, uma vez aprovadas, passavam a ser adotadas — entendendo-se a “adoção” como oficialização e aquisição — pelo Estado, para uso nas escolas primárias paulistas, com a finalidade de uniformizar o ensino da leitura.

10Quando de seu retorno dos Estados Unidos da América do Norte, em abril de 1904, Oscar Thompson traz uma “cartilha analítica”, *The Arnold Primer* (1901), de Sarah Louise Arnold, cuja adaptação ao idioma português, realizada por Manuel Soares de Ornellas, é editada por Silver, Burdett and Company e publicada no Brasil apenas em 1907. Mesmo “estrangeira”, antes de sua versão em português a Cartilha de Arnold parece ter tido relativa difusão e ter sobretudo influenciado grande parte dos escritores didáticos brasileiros da época.

1111 A respeito desta assim como das demais cartilhas e certos documentos de época citados neste artigo, nem sempre foi possível obter informações mais precisas; a fim de situar o leitor, optei, então, por fornecer as informações recolhidas esparsamente, mesmo que, por vezes, lacunares.

12A título de exemplificação, veja-se a “seriação dos melhores livros didáticos aprovados pelo governo, na ordem crescente de suas dificuldades e dos anos do curso escolar.”, apresentada, por Joaquim L. de Brito para o primeiro ano: “1) Cartilha Moderna, de Ramon Roca Dordal, ou Cartilha das mães, de Arnaldo Barreto. 2) Primeiro Livro de Leitura, de João Köpke. 3) Novo Segundo Livro de Leitura, de Hilario Ribeiro. 4) Historietas, de João Pinto e Silva. 5) Primeiro Livro de Leitura, de D. Guilhermina de Andrade.” (Revista de Ensino, n.2, 1902, p.182). Em Parecer de 27/02/1904, a comissão composta por João Lourenço Rodrigues, J. Luiz de Brito e Antonio R. Alves Pereira, após exame das obras didáticas aprovadas ou adotadas nas escolas públicas, apresenta também uma lista de livros e outros materiais de ensino que estão “em condições de ser adotados”, para a 1ª série do 1º ano do Curso Preliminar: 1) Cartilha das mães, Arnaldo Barreto; Cartilha Moderna, Ramon Roca; Primeiro Livro de Leitura, Maria G. Andrade. 2) Cartilha da Infância, Thomaz Galhardo; Arte da Leitura, Luiz Cardoso Franco; Cartilha Nacional, Hilario Ribeiro. 3) Cartilha Maternal, João de Deus; Primeiro Livro de Leitura, Hilario Ribeiro.” (Revista de Ensino, n.2, jun., 1904, p.257). No Anuário do Ensino do Estado de São Paulo-1907/1908, outra comissão, composta por Carlos Alberto Gomes Cardim, Theodoro de Moraes e Miguel Carneiro Junior, com mesmo fim, elabora a seguinte lista: “Primeiro grupo: Primeiro Livro de Leitura, D. Maria Guilhermina; Cartilha das mães, Arnaldo Barreto; Cartilha moderna, Ramon Roca. Segundo grupo - Cartilha do lar, João Pinto e Silva; Cartilha maternal, João de Deus; Cartilha da infância, Thomaz Galhardo. Terceiro grupo - Livro dos principiantes, Nestor de Araujo; Arte da leitura, Luiz Cardoso Franco; Cartilha nacional, Hilario Ribeiro; Cartilha infantil - Arthur Thiré.” (Anuário do Ensino, 1907-1908, p.391)

A comissão indica para cada anno do curso preliminar um numero maior ou menor de obras classificadas e enumeradas na ordem descendente do seu valor didactico, já sufficientemente demonstrada, pela experiencia das nossas escolas.

Essa indicação depara ao Governo um criterio mais ou menos seguro de selecção, a qual se poderá fazer mediante uma simples limitação numerica, adoptando para cada anno um determinado numero de livros de leitura.

...

A adopção dos livros ora indicados não deve evidentemente ter um caracter definitivo: isso teria por effeito fazer esmorecer tantas aptidões productivas que estimuladas e bem dirigidas, podem opulentar e melhorar cada vez mais a nossa ainda exigua biblioteca escolar.

Será, ao contrario, de grande vantagem a revisão periodica da classificação ora feita sob a forma de concursos annuaes, de tal modo que os bons livros que forem apparecendo possam ser facilmente adoptados, o que representará para o mesmo uma garantia de progressivo melhoramento.

...

Aqui, como em tudo, cumpre evitar o estabelecimento do monopolio: a concorrência ha de ser sempre uma condição essencial de melhoramento. (Rodrigues, Brito, Pereira, 1904, p.254)

Muitas também foram as polémicas causadas por esse “chuveiro de livros abundantes” adotados pelo Estado.

Houve um tempo em que, sem exaggero, e todos os recantos, dos mais remotos do Estado [de São Paulo], surgiam, como por encanto, a granel, escriptores didacticos, a offerecer ao commercio, aos editores da capital, seus productos - como obra prima da educação.

O governo, por seu turno, no elevado intuito de desenvolver e auxiliar a instrucção publica, approvando e adoptando uma obra submettida á sua apreciação, ultimava o seu acto, comprando parte da primeira edição, com grande gaudio do editor e contentamento esterlino do autor.

Dahi esse abuso inveterado, esse chuveiro de livros abundantes, pesados pelo volume e vasios de conceitos, a enriquecer o pasto das traças nas prateleiras das editoras: - methodos, contos, literaturas, versos, historias e outras bugigangas sem conta ... (Bellegarde, 1902, p.75)

Analizando-se as relações de cartilhas indicadas pelas comissões de especialistas nas décadas de 1900 e 1910 bem como aquelas divulgados pela *Revista de Ensino*, observa-se, dentre outros aspectos, a recorrência de certos títulos e autores, que mereceriam estudo mais detalhado, a fim de se compreenderem tanto as diferenças e semelhanças no que se refere à processuação do método nelas proposta quanto o papel desempenhado por



essas cartilhas e seus autores ao longo do momento histórico em foco assim como suas influências observáveis até os dias atuais. No entanto, de acordo com os objetivos deste artigo, restrinjo-me a apresentar e comentar aspectos gerais relativos a algumas dessas cartilhas e seus autores, visando a contribuir para futuras pesquisas sobre o assunto.

### **Arte Da Leitura, De Luiz Cardoso Franco**

Diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1887, L. C. Franco foi professor do Curso Complementar da Escola-Modelo da Luz, na capital, e também autor de muitos artigos publicados na *Revista de Ensino*, nos quais aborda questões relativas à língua portuguesa, ao ensino racional e a problemas do ensino de acordo com sistema spenceriano.

A indicação dessa cartilha, escrita provavelmente em 1902, é significativa das disputas desse momento, no qual se demandava o enfrentamento do passado recente e suas tentativas de permanência. Seu título — *Arte da leitura* — relaciona-se diretamente com o da *Cartilha maternal ou Arte da leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus e divulgada combativamente pelo professor Antonio da Silva Jardim na década de 1880, no Brasil.<sup>13</sup> Desaparecendo da cena a geração que defendia o "método João de Deus" por este concretizar os ideais positivistas, seus pósteros — e ex-alunos, muitas vezes —, elegendo ideais e "valores didáticos" distintivos e cientificamente sintonizados com sua época, esforçam-se por marcar a diferença, mesmo quando a continuidade insiste em se insinuar.

### **Cartilha das Mães, de Arnaldo de Oliveira Barreto**

Discípulo de Antonio Caetano de Campos e diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1891, ao longo de sua carreira no magistério, A. O. Barreto se tornou uma figura de destaque, tendo desempenhado diversas atividades: professor da Escola-Modelo do Carmo (1894), diretor de escolas para filhos de operários da Estrada de Ferro Central do Brasil (1894?), inspetor das escolas anexas à Escola Normal de S. Paulo (1897), diretor do Ginásio de Campinas (1908), diretor da Escola Normal de São Paulo (1924-1925), redator-chefe da *Revista de Ensino* (1902-1904). A partir de 1896, iniciou a produção de sua obra didática, cujas datas nem sempre foi possível precisar: *Cartilha das Mães*, *Cartilha Analytica*, *Leituras Morais* (Série Puiggari-Barreto - 1º 2º e 3º Livros de Leitura), Coleção de *Cadernos e Caligrafia* (em colaboração com R.R. Dordal), *Cadernos de Cartografia*, *Cadernos de Linguagem*, *Os Lusíadas* (Canto I - interpretação). Foi, ainda,

13 A esse respeito, ver : MAGNANI, M. R. M. O "método João de Deus" para o ensino da leitura. obra citada.

o organizador da Biblioteca Infantil, da Editora Melhoramentos, que, em 1915, publicou o primeiro título: *O Patinho Feio*, de H. C. Andersen; e autor de muitos artigos sobre ensino da leitura publicados na *Revista de Ensino*.

Embora não tenha sido possível precisar a data de publicação da *Cartilha das Mães* (Livraria Francisco Alves, 63 p.), sua primeira edição parece ter ocorrido entre os anos finais do século XIX e os iniciais deste século; em 1963, é lançada a 84ª edição, pela editora Francisco Alves.

### **Cartilha Analytica, De Arnaldo De Oliveira Barreto**

Com quase uma década de intervalo, A. O. Barreto publicou *Cartilha Analytica* (Livraria Francisco Alves - 93 p.), escrita provavelmente no início da década de 1910 e estando, em 1967, na 74ª edição. Num exemplar da 27ª edição (1926), encontram-se sugestivas informações: "Baseada sobre rigorosos princípios pedagógicos" e "Complemente refundida, e posta de acordo com as instruções recomendadas pela Diretoria Geral do Ensino Publico de S. Paulo"; e, na página seguinte, a dedicatória: "Ao Oscar Thompson, o mais decidido propagandista, no Estado de São Paulo, do ensino da leitura pelo methodo analytic e ao Theodoro de Moraes, o seu mais fino executor, como preito da mais justa homenagem, oferece o Arnaldo." Ao final da *Cartilha*, para melhor entendimento do método nela proposto, encontram-se transcritas as *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytic*, publicadas pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista em 1911 e da qual é um dos signatários.

### **Cartilha Moderna, De Ramon Roca Dordal**

De origem espanhola e também signatário das *Instruções praticas...*, R. R. Dordal atuou junto à *Revista de Ensino*. A *Cartilha Moderna* parece ter sido publicada em 1902, por Spíndola, Siqueira & Cia, com uma segunda edição nesse mesmo ano. Data também desse ano, a publicação, na *Revista*, de uma série de artigos divulgando e discutindo a *Cartilha* escrita por Dordal, nos quais estavam envolvidas grandes figuras do magistério: A. O. Barreto, João Köpke e Joaquim Brito. Iniciava-se, então, um debate que se acirrou, na década seguinte, com a acentuação das diferenças de processos empregados e a publicação de duas cartilhas de João Köpke.

### **Meu Livro (Leitura Analytica), De Theodoro Jeronymo De Moraes**

Diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1906, T. J. Moraes escreveu, além dessa cartilha, outros livros didáticos: *Sei Ler* (Cia. Editora Nacional), *Cartilha do Operário* (Typ. Siqueira, 2ª edição de 1924) - "para o ensino da leitura, pela processuação do methodo analytic, aos

adolescentes e adultos" e *Minhas Taboadas* - aritmética elementar; foi co-autor da monografia: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos anos do curso preliminar*, publicada pela Diretoria Geral da Instrução Pública em [1911]; escreveu artigos para a *Revista de Ensino* — na qual atuou como redator efetivo a partir de 1908 —; e verteu para o português, entre outros, *Palestras Pedagógicas*, de William James e *Lições de Cousas*, de E. A. Sheldon, ambos editados pela Typographia Augusto Siqueira & C., em 1917.

*Meu Livro* (Leitura Analytica) foi publicado em 1909, a partir de um plano adotado por Oscar Thompson e já praticado, por Theodoro de Moraes, na Escola-Modelo Isolada anexa à Escola Normal de São Paulo assim como por professores de grupos escolares da capital de São Paulo. Por indicação do próprio Thompson, quando no cargo de Director Geral da Instrução Publica, essa cartilha é indicada e aprovada para adoção nas escolas públicas do estado de São Paulo.

### **Cartilha Infantil, De Carlos Alberto Gomes Cardim**

Normalista da turma de 1894, Carlos A. G. Cardim trabalhou na Escola-Modelo "Prudente de Moraes", a convite de Miss Browne, e, posteriormente, ocupou vários cargos seja como professor, seja como diretor e inspetor escolar, entre eles o de Diretor da Escola Normal da Praça da República, entre 1925 e 1928. Entre 1908 e 1913, assessorou a reforma do ensino primário e secundário no Espírito Santo; de 1917 a 1919 participou da diretoria da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista; foi, ainda, o fundador da primeira Biblioteca Infantil de Curso Primário, em São Paulo e no Brasil; e autor de vários outros livros didáticos, sobre diferentes matérias escolares, como, por exemplo, "A música, pelo método analítico". Sobre a *Cartilha Infantil*, de Carlos Alberto Gomes Cardim, poucas foram as informações que puderam ser localizadas, por meio de referências esparsas. Essa *Cartilha* parece ter sido escrita em 1908, estando muito próxima das *Instruções praticas*....

### **Cartilha (Leituras Infantis) E Primeiros Passos (Leituras Infantis), De Francisco Mendes Vianna**

Diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1895, F. M. Vianna é também autor de outros livros didáticos, dentre os quais: *Novo Methodo de Calligraphia Vertical*, em 7 cadernos (Comp. Melhoramentos de São Paulo, sem data) e "aprovados e mandados adoptar nas escolas publicas pelos governos dos Estados de São Paulo e de Minas Geraes".

*Cartilha (Leituras Infantis)* [1910] e *Primeiros Passos (Leituras Infantis)* [1912] foram escritas provavelmente no início da década de 1910,

a segunda delas tendo sido aprovada, em 1913, para uso no Estado de São Paulo, e na qual "o autor introduz uma parte, em cada lição, que permite aplicar o método de silabação".

### **Nova Cartilha Analytico-Synthetic E Cartilha Ensino-Rapido Da Leitura, De Mariano De Oliveira**

Normalista da turma de 1888, M. Oliveira é co-autor da monografia *Como ensinar leitura...* e um dos signatários das *Instruções praticas...*, as quais transcreveu, ao final da *Nova Cartilha Analytico-Synthetic* [1915] (91p.), com ligeiras modificações e datadas de 19-2-1915. Na página de rosto da 52ª edição (sem data) dessa *Cartilha*, encontra-se a chancela "Aprovada e adoptada oficialmente nos Estados de S. Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Norte e Goyaz", e na página seguinte, a dedicatória: "Á infancia brasileira".

Escrita provavelmente entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, a *Cartilha Ensino-Rapido da Leitura* (Weiszflog Irmãos, 48 p.) alcançava, em 1965, 1134 edições. Na página de rosto, aparece também uma chancela: "Aprovada e adoptada oficialmente no Estado de Sta. Catharina e adoptada no ensino do districto Federal, Espirito Santo, Paraná, Rio Grande do Norte e Piauhy."

### **Cartilha - Primeiro Livro, De Altina Rodrigues De Albuquerque Freitas**

Data de 1920 a publicação da *Cartilha* - primeiro livro (Edição Pocaí ou Liv. Francisco Alves (?), Série Oscar Thompson, 103 p.), de Altina Rodrigues de Albuquerque Freitas, diplomada pela Escola Normal de São Paulo em 1902. Dedicada à memória de Gabriel Prestes, a *Cartilha* traz, em sua 2ª edição (1922), uma carta, datada de 1920 e assinada por Oscar Thompson, que parabeniza a autora, após expor uma síntese do histórico e das bases psicológicas do método analítico para o ensino da leitura.

### **Cartilha N.1 E Cartilha N.2, De João Köpke**

Natural do Rio de Janeiro e Bacharel em Direito, em 1875, pela Faculdade de São Paulo, J. Köpke dedicou-se ao magistério, tendo lecionado em colégios particulares da capital paulista e da cidade de Campinas/SP e, em 1884, fundou, com Silva Jardim, a Escola Primária Neutralidade. Além de ter publicado vários artigos na *Revista de Ensino*, Köpke foi autor de vários livros de leitura e de textos para a escola. Em 1874, já havia publicado *Methodo Racional e Rapido para Aprender a Ler sem Solettrar* - dedicado á infancia e ao povo brasileiro, cartilha baseada no método da silabação, o qual abandonou, devido às vantagens do método

analítico para o ensino da leitura, que passou a defender publicamente mediante a conferência "A leitura analytica", proferida, em 1º de março de 1896, em uma das salas da Escola Normal de São Paulo, a convite do Instituto Pedagógico de S. Paulo. Vinte anos depois, em 11 de maio de 1916, complementou essa conferência com outra intitulada "O ensino da leitura pelo método analítico", proferida nas dependências do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal da Praça da República. Publicada em opúsculo para ser distribuída entre os professores e também em revistas, essa conferência tinha por objetivo explicar e divulgar as *Cartilhas n. 1 e n. 2*, escritas depois de estudo constante e aprofundado dos princípios propagandeados na primeira conferência.

Na ocasião, tornou público o desejo de fazer doação dos direitos autorais das cartilhas ao Estado de São Paulo assim como explicitou as diferenças entre suas *Cartilhas* e duas publicações da Diretoria Geral da Instrução Pública: *Instruções praticas...* (Oliveira, Dordal e Barreto) e *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos anos do curso preliminar* (Moraes, Oliveira, Pinto e Silva e Carneiro). Na discussão dessas diferenças, acabou também por abordar a *Cartilha* de Arnold e aquelas que, em sintonia com essas publicações, foram escritas por Barreto, Moraes e Cardim.

Dada a oferta de direitos autorais de suas cartilhas, Oscar Thompson, então Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo, designa os inspetores escolares Tolosa, Kuhlman e Camargo Couto para analisarem e emitirem parecer sobre a sua adoção. A partir dessas iniciativas, agudiza-se a polêmica, travada entre mais moderno e modernos — especialmente entre Köpke e os paulistas Barreto, Cardim, Oliveira e Moraes —, sobre as diferentes formas de processuação do método analítico concretizados nas cartilhas produzidas e adotadas nesse momento histórico, em São Paulo.

## **A Oficialização Do Método Analítico Para O Ensino Da Leitura**

Dentre as iniciativas oficiais relacionadas ao método analítico para o ensino da leitura, no período compreendido entre 1890 e 1920, predominam as tomadas, diretamente ou mediante incentivo a professores, por Oscar Thompson, figura à qual encontravam-se, de alguma maneira, ligados aqueles que normatizavam, tematizavam e concretizavam esse método.

Diplomado pela Escola Normal de São Paulo — turma de 1891 —, Thompson exerce vários cargos no magistério e na administração escolar, destacando-se sua atuação como: diretor da Escola Normal de São Paulo (1901 a 1920, com interrupções); Diretor Geral da Instrução Pública (1909-1910 e 1917-1920); incentivador e divulgador do método analítico para o

ensino da leitura e da produção de cartilhas assim como de experiências em psicologia científica e em bibliotecas escolares; criador da Diretoria Geral da Instrução Pública (Dec. n. 1885, de 06/06/1910); e propulsor de iniciativas que inspirariam a Reforma realizada por Sampaio Dória, em 1920.

Foi durante sua gestão que se produziram e se divulgaram as *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico — Modelos de lições* [1911], expedidas pela Diretoria Geral da Instrução Pública Paulista e assinadas pelos professores Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto.

Esses "modelos de lições", estão organizados em cinco passos — sempre acompanhados de orientações gerais —, que "devem ocupar o professor durante quatro mezes", sem uso da *Cartilha*, ao final dos quais deve-se passar para o *Meu Livro* (Theodoro de Moraes - 1909), que na ocasião era "o ... que mais se aproximava da orientação das Instruções" (Barreto, 1926, p. 100).

Nas *Instruções praticas...* foram ainda sistematizados os princípios operacionais do método, que podem ser observados em muitas cartilhas atuais: o "todo" é representado por "história descritiva" ou "historieta", ou seja, um conjunto de sentenças, que mantêm nexos lógico-gramaticais entre si: o objeto lógico da sentença anterior deve coincidir com o sujeito da sentença imediatamente seguinte.

Mais discreta — mas não menos importante — que a atuação de Oscar Thompson foi sua produção escrita relativa ao método analítico para o ensino da leitura. Dentre outras, merecem atenção as publicações na *Revista de Ensino* e os relatórios apresentados ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior e contidos nos *Annuarios do Ensino* (1910 e 1918), onde foram abordadas as grandes metas de sua gestão: organização da inspeção escolar do ponto de vista pedagógico e introdução, nos grupos escolares, dos métodos e processos de ensino adotados na Escola-Modelo "Caetano de Campos", com base na concepção de "escola moderna". O método analítico é apresentado como o mais adequado para esse ensino, justificando-se, assim, os esforços de instituição e uniformização desse método, durante sua gestão, particularmente os que resultam na "solicitação" de adoção de *Meu Livro*, de Theodoro de Moraes, nas escolas públicas paulistas.

No relatório contido no *Anuario do Ensino* de 1917, correspondente a sua segunda gestão frente à Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, Thompson retoma as metas priorizadas em 1909-1910 e analisando os resultados dos esforços empreendidos, desde sua primeira gestão, para a uniformização do método analítico, avalia que muitos foram os avanços,

restando, ainda, no entanto, vulgarizá-los, para que o ensino "antiquado e anti-psicológico" não perturbe a direção pedagógica moderna que se quer imprimir à educação da infância.

São também de Thompson iniciativas marcantes em relação a propostas de solução dos problemas repetidamente apontados, na década de 1910, na instrução pública paulista. E muitas dessas propostas acabam sendo incorporadas pela Reforma Sampaio Dória, em 1920.

Representativos da formulação desses problemas e propostas são: a *Carta Circular* de 1918, onde Thompson solicitava sugestões sobre como resolver o problema do analfabetismo; e o *Relatório* contido no *Anuário do Ensino* desse mesmo ano, onde se "inaugurou" o termo "alfabetização" para designar oficialmente o ensino das primeiras letras — o termo "analfabeto" já aparece no *Relatório* de 1909 — e foram apresentados sugestivos pareceres sobre cartilhas e livros didáticos, emitidos pela comissão composta por: Antonio de Sampaio Dória, Américo de Moura e Plínio Barreto<sup>14</sup>

Em vista dessas considerações, Oscar Thompson — ex-aluno de Caetano de Campos e durante trinta anos atuando destacadamente na instrução pública paulista — pode ser considerado o elo que perpassa o conjunto de iniciativas e disputas desse momento, buscando garantir, mediante sistematização e normatização, a unidade e a implementação sempre atualizada das aspirações históricas que, no final do século XIX, foram engendradas para a instrução pública paulista e para o ensino da leitura.

### **A Fundação De Uma (Nova) Tradição**

Em síntese, o conjunto de iniciativas levadas a efeito por essa geração de normalistas formada pela Escola Normal de São Paulo sobretudo a partir da década de 1890 e que assume direta ou indiretamente posição de liderança na instrução pública paulista vai configurando, ao longo desse segundo momento, aquela atitude tipicamente paulista de disputa entre mais modernos e modernos pela hegemonia de tematizações, normatizações e concretizações relativas ao ensino da leitura, em que se sobressai o papel do professor normalista como tematizador, normatizador e concretizador no

---

14 Dela deriva, entre outras, a carta aberta elaborada por Sampaio Dória onde são apresentadas as bases de um plano de extinção do analfabetismo. Estreitamente vinculado aos princípios e objetivos da Liga Nacionalista, Dória passa a se destacar no cenário reformador do final da década de 1910, vindo a substituir Thompson na Diretoria Geral da Instrução Pública paulista e liderando a Reforma de 1920. (ANTUNHA, H.C.G. A instrução pública no Estado de São Paulo: a reforma de 1920. São Paulo: FE/USP, 1976 (Coleção Estudos e Documentos, v. 12) ). Em *Questões de Ensino* (1923) podem-se encontrar preciosas reflexões a respeito das idéias renovadoras desse momento, em especial a que mais diretamente interessa para a discussão dos métodos de ensino da leitura: a "revolucionária" idéia de autonomia didática .

campo da instrução bem como na formação de um "espírito de corpo" em relação ao magistério público, no controle do aparelho escolar e da produção cultural e educacional.

No que diz respeito ao ensino da leitura, o método analítico consegue se impor, graças à atuação de diferentes sujeitos, da qual resulta: oficialização normatizadora por parte dos administradores educacionais — em especial, por Thompson —, concretização mediatizada pelos escritores didáticos e tematização de suas bases divulgadas por uns e outros.

Ao longo desse momento histórico, a alfabetização vai-se consolidando como objeto de estudo e funda-se uma nova tradição segundo a qual o método analítico para o ensino da leitura é o melhor, porque sintetiza todos os anseios do "ensino moderno", ou seja: é o mais adequado às condições biopsicológicas da criança, "à marcha natural do desenvolvimento do espírito humano", proporcionando um aprendizado que tem o professor como guia e a "redenção intelectual" da criança como fim.

Dentre as grandes figuras do período, alguns se aposentam ou falecem, outros abandonam a causa da instrução pública e outros — os mais novos — ainda permanecerão atuantes, sintonizados com outras novas preocupações. Continuará a circular, no entanto, o produto dessas férteis iniciativas, especialmente as cartilhas, muitas das quais nas décadas seguintes têm ainda ampla repercussão entre os professores primários, com centenas e até milhares de edições.

As disputas dos modernos entre si, embora fundadoras de uma nova tradição, tendem a se amenizar com a Reforma Sampaio Dória — embora continue se apregoando a validade do método analítico — e quando problemas e urgências de outra ordem passam a ser priorizados e outros sujeitos começam a se destacar no cenário educacional, propondo outra forma de intervenção do Estado nas coisas da instrução e outros projetos, centrados em outras bases, para o ensino da leitura e escrita.

Seja como for, o momento histórico abordado assume um caráter renovador, nada rotineiro, em que se busca incessante e veementemente definir o "novo" e "moderno" *contra* o "antigo" e "tradicional" — representado pela situação do ensino no Império —, mas *a partir* do passado recente — o momento anterior. A nova tradição fundada nesse segundo momento será, nas décadas seguintes, continuada e reajustada às novas urgências, não permitindo sínteses homogeneizadoras que buscam igualar esse momento ao seu passado, sob o rótulo de "tradicional" conferido por seus pósteros imediatos e cuja interpretação acaba por se tornar matricial para muitas das análises do período efetuadas por historiadores e sociólogos da educação, contemporâneos nossos.



## Referências Bibliográficas

- BARRETO, A.O. Ensino de leitura. *Revista de Ensino*. n.5, p.961-6, dez. 1902 (Seção "Crítica de trabalhos escolares").
- \_\_\_\_\_. *Cartilha das mães*. 52.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Cartilha analytica*. 27. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.
- BELLEGARDE, J. Um bom livro. *Revista de Ensino*, n.1, p.75-9, abr. 1902 (Seção "Crítica sobre trabalhos escolares").
- DEMARTINI, Z.B., TENCA, S.C., TENCA, A. Os alunos e o ensino na República Velha através das memórias de velhos professores. *Cadernos de Pesquisa*. n.52, p.61-71, fev. 1985.
- DORDAL, R.R. Methodos de leitura - *Cartilha Moderna* (aos mestres progressistas). *Revista de Ensino*, n.2, p.213-25, jun.1902. (Seção "Pedagogia pratica").
- FREITAS, A.R.A. *Cartilha*. [2.ed.]. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, [1922] (Série Oscar Thompson - Primeiro Livro).
- KÖPKE, J. *A leitura analytica* (Conferência feita a 1º de março de 1896, no Instituto Pedagógico de São Paulo) . São Paulo: Typ. a vapor de Hennies Irmãos, 1896.
- \_\_\_\_\_. O ensino da leitura pelo methodo analytic. *Revista do Brasil*. v.2, n.5, p. 31-69, maio 1916. (Republicação: KÖPKE, J. O ensino da leitura pelo método analítico (Conferência realizada na Escola Normal da Praça da República, em 11 de maio de 1916). *Educação*, v.XXXIII, n.46/47, p.115-52, jan./jun. 1945.)
- LEITE, F.E.A. O ensino da leitura. *Educação*, n.12, p.182-95, 1930 *apud* PFROMM NETO, S., ROSAMILHA, N., DIB, C.Z. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. MAGALHÃES, B. *O estado de São Paulo: o seu progresso na actualidade* . (Notas historicas, estatisticas e criticas sobre organização politico-administrativa e os principaes factores da prosperidade, - material, intellectual e moral, - da terra e dos habitantes). Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp., 1913.
- MORAES, T., OLIVERIA, M., PINTO E SILVA, J, CARNEIRO, M. *Como ensinar leitura e linguagem nos demais anos do curso preliminar*. São Paulo: Directoria Geral da Instrução Publica, 1911.
- OLIVEIRA, M., DORDAL, R.R., BARRETO, A.O. *Instruções práticas para o ensino da leitura pelo methodo analytic - Modelos de lições*. São Paulo: Directoria Geral da Instrução Publica, [1911].

THOMPSON, O. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Interior. In: *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo:1917*. São Paulo: Augusto Siqueira & C., 1917, p. 5-51